

## GILLES DELEUZE E O MULTICULTURALISMO<sup>1</sup>

*Kátia Luzia Soares Oliveira Souza<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> resenha do livro *A Lógica do Sentido*, de Gilles Deleuze.

<sup>2</sup> Licenciada e pós-graduada em História (UNEB).  
E-mail: katialuziasoares@yahoo.com.br



É fato que no Brasil o cenário político e teórico tem sido caracteristicamente marcado pela problemática da diversidade cultural que compõe a nação; os debates contemporâneos ocorrem em meios a muitas polêmicas e controvérsias no que se referem aos lugares sociais a que diferentes grupos de “minorias” são chamados a ocuparem na pós-modernidade.

Assim, num momento em que falar em cotas para negros, em apoio e incentivo para os chamados portadores de necessidades especiais, entre outras políticas positivas de favorecimento às minorias, ainda suscita acirradas discussões, a leitura da obra *A Lógica do Sentido*, de Gilles Deleuze pode trazer um sopro de renovação ao pensamento acadêmico.

A discussão filosófica levantada na obra oferece fundamentação para o questionamento e problematização do pensar acadêmico na contemporaneidade podendo ajudar na construção de uma noção mais ampla, na área de educação, sobre os projetos públicos de inclusão das diferenças ou ainda sobre o caráter político do multiculturalismo.

Interessante para todos os que se debruçam sobre reflexões teóricas acerca das estratégias de visibilidade e apagamento de representações, a obra permite uma associação teórica entre os pensadores Karl Marx, Michel Foucault, Freud, Nietzsche e Derrida. Esse diálogo nos permite retomar algumas idéias centrais desses autores e deixar claro que as discussões sobre o pensar na contemporaneidade devem estar sempre articuladas às relações sociais, às relações de poder, ao inconsciente e às representações (interpretações), operadores embasados nos respectivos pensadores.

Em sintonia com essa abordagem, a radicalização do pensamento passa pela aceitação de que a nossa forma de pensar é condicionada. Ou seja, os discursos, o pensamento, têm um sentido pré-estabelecido culturalmente: o pensamento e toda rede discursiva que o estrutura estão sempre submetidos a um tempo, a um espaço que os delimitam.

E aqui é que a leitura da obra de Deleuze é essencial: uma vez que os sentidos são construídos e fixados culturalmente, isso significa também que eles não são estáticos e que estão em permanente movimento, podendo, assim, haver um “deslocamento dos sentidos fixados”, o que Gilles Deleuze, nos incita a fazer.

Tomemos o primeiro texto da obra em questão, “A lógica do

Sentido: Primeira Série de Paradoxos”; três noções são essenciais para o entendimento desse texto, a saber: a noção de acontecimento, a própria idéia de paradoxo e a relação entre linguagem e devir.

Os acontecimentos em Deleuze são tempos diferenciados que se cruzam na simultaneidade de um devir. Daqui infere-se que os acontecimentos “não são”; eles sofrem um constante “vir a ser”, um “tornar-se” infinito. E já somos colocados na esfera de compreensão da definição e da função do paradoxo. Enquanto afirmação de dois sentidos ao mesmo tempo, o paradoxo deve ativar o inconsciente de quem lê, revolucionar as subjetividades instituídas, fixadas, uma vez que pertence à essência do paradoxo avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo.

Contra a afirmação do Bom Senso de que há um sentido determinável em todas as coisas, Deleuze nos propõe, através da atualização dos conceitos devir, acontecimento e paradoxo, deslocar os sentidos fixados. Essa é a idéia central desse texto e nos diz da necessidade e da possibilidade de começarmos a pensar que as coisas podem ser diferentes, transformadas. Mas eis que nos surge uma questão: como podemos fugir do estabelecido, dos sentidos construídos e fixados? Poderemos perceber que Deleuze vai retomar essa questão no decorrer dos demais textos que compõem sua obra, mas as pistas iniciais, sobre como resolver essa questão, são nos dadas ainda nesse primeiro texto ao refletir sobre a linguagem.

Em Deleuze é a linguagem que fixa os limites, mas é ela também que ultrapassa os limites e os restitui à equivalência infinita de um devir ilimitado. O que o autor nos acena aqui é a idéia de que, assim como as palavras fixam os sentidos, também elas deslocam esses sentidos (“é sempre nos dois sentidos ao mesmo tempo”); ou dito de outra forma: toda atividade revolucionária passa pela linguagem, pelo discurso e, por outro lado, qualquer discurso pode ser selecionado e desconstruído produzindo novos discursos. Mais uma vez, Deleuze nos desafia a produzirmos novos acontecimentos, novas subjetividades.

A análise da relação entre esses três vetores - acontecimento, devir e linguagem - é mais profundamente esclarecido com o texto “Terceira Série dos Paradoxos” de onde tiramos a afirmação de que “é próprio aos acontecimentos serem expressos ou enunciados por meio de proposições”. A análise minuciosa da premissa acima citada nos informa mais detalhadamente do caminho que se sugere para a desconstrução, por meio das palavras, dos sentidos estabelecidos. Primeiro entendemos que, partindo dessa asserção, podemos inferir parcialmente que os acontecimentos são discursos, são enunciados. Ora, tomamos a designação, a nomeação das coisas que segundo Gilles Deleuze “opera pela associação das próprias palavras com imagens particulares que devem representar o estado de coisas”. E o que são as palavras em Deleuze?

As palavras são puros designantes, não devem ser tratadas como conceitos universais já que são singulares formais. Desse pensamento, o que fica claro é que, sendo os acontecimentos discursos, e esses, por sua vez compostos por designantes singulares, um dos caminhos para deslocar os sentidos é percebê-los como movimento, como permanente construção e reconstrução.

Fazendo uso de um outro termo, segundo Jacques Derrida, isso implica em “desconstruir” categorias fechadas, mostrando as lacunas existentes no pensamento. É válido ressaltarmos ainda que, segundo Deleuze, para Foucault “pensar é emitir singularidades”, isto é, criar raciocínio que aponte para uma reflexão nova a partir do que já está posto; numa perspectiva deleuze-foucaultiana, isso significa fazer uma análise dos discursos, do próprio pensamento, de sua produção e experimentação.

Assumindo uma postura freudiana, podemos entender ainda que, do que se trata é de se “desrecalcar” os silêncios, criar mecanismos que revelem as questões esquecidas e/ou excluídas pelos discursos dominantes.

O que torna essa obra atual é sua vocação para analisar os silenciamentos, as lacunas deixadas no pensamento contemporâneo.

Com esse enfoque, a obra em resenha fala diretamente a estudantes de Filosofia, Direito, História, e mesmo alunos da área de Linguagens, pesquisadores do Multiculturalismo e de políticas de inclusão. Permite efetuar uma crítica à chamada política de identidades, ao multiculturalismo vigente caracterizado pela promoção e valorização de identidades sociais estereotipadas em nome de uma falsa tolerância que, ao contrário do que se espera, segrega e multiplica os guetos de ricos e pobres, negros e brancos, homens e mulheres, etc.

Falando de um lugar social que considera que “nós somos pós relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade”, as discussões feitas por intermédio da referida obra colocam em pauta o argumento defendido por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro no livro “A identidade cultural na pós-modernidade” segundo o qual:

À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (SILVA; LOPES, 2003, p.13).

Finalmente, embora a obra seja complexa, e sua leitura não seja fácil, vale a pena revisita-la pela atualidade da problemática que aborda. De sua leitura é permitido entender que o multiculturalismo não deve ser desarticulado das relações sócio-culturais, e/ou relações de poder, que permanentemente formulam e reformulam os sentidos, os discursos, e com eles os lugares e papéis que os sujeitos são chamados a ocuparem.

No que se refere especificamente às políticas inclusivas, A Lógica do Sentido aponta o caráter provisório do conhecimento e também nos informa da precariedade de se conceber as identidades enquanto elementos herméticos e atemporais.

Deste ponto de vista, e entendendo a rede discursiva a partir de sua mobilidade, suas práticas e/ou usos que cotidianamente são reelaboradas, o multiculturalismo, é tomado como uma possibilidade de representação política onde se dá por excelência o confronto do múltiplo e do diferente; um “contra-poder” onde novos signos de identidades são vividos, formados e/ou contestados. De forma que, falar em multiculturalismo e/ou políticas inclusivas, só pode implicar em mudança, em desconstrução de categorias discriminatórias e a construção de um novo olhar que resulte na possibilidade de um novo espaço social onde as diferenças possam ser vivenciadas com toda a sua riqueza humana.